

Coleção Cultura de Paz e Mediunidade
Volume 2

Introdução à

Terapia Vibracional Integrativa

uma meditação comunitária,
bioenergética e transpessoal



Adilson Marques

RiMa

COLEÇÃO CULTURA DE PAZ E MEDIUNIDADE

INTRODUÇÃO À TERAPIA VIBRACIONAL INTEGRATIVA

UMA MEDITAÇÃO COMUNITÁRIA,
BIOENERGÉTICA E TRANSPESSOAL

COLEÇÃO CULTURA DE PAZ E MEDIUNIDADE

INTRODUÇÃO À TERAPIA VIBRACIONAL INTEGRATIVA

UMA MEDITAÇÃO COMUNITÁRIA,
BIOENERGÉTICA E TRANSPESSOAL

ADILSON MARQUES

RiMa

2011



© do autor – 2011

Direitos reservados desta edição
RiMa Editora

M357

Marques, Adilson

Introdução à terapia vibracional integrativa – uma meditação comunitária, bioenergética e transpessoal / Adilson Marques – São Carlos: RiMa Editora, 2011.

54 p.

ISBN – 978-85-7656-208-5

1. Terapia complementar. 2. Mediunidade.
3. Imaginação criativa. 4. Espiritualismo. I. Título.
II. Autor.

RiMa

www.rimaeditora.com.br

Rua Virgílio Pozzi, 213 – Santa Paula
13564-040 – São Carlos, SP
Fone/Fax: (16) 3411-1729



Rua Nove de Julho, 1380 – SI 21
Centro – 13560-042 – São Carlos, SP
Fone/Fax: (16) 3368-4329

COLEÇÃO CULTURA DE PAZ E MEDIUNIDADE

A coleção *Cultura de Paz e Mediunidade* foi idealizada para divulgar as sete pesquisas realizadas pelo projeto Homospiritualis, entre os anos de 2001 a 2010. Elas não foram feitas dentro das Universidades, porém, utilizaram heurísticas próprias das Ciências Humanas.

A mediunidade foi inserida no projeto Homospiritualis por volta de 2001, após a visita de dois médiuns kardecistas ao Centro de Estudos e Vivências Cooperativas e para a Paz, um local onde diferentes atividades eram ofertadas à comunidade e grupos de estudos se reuniam. Com a inserção destes dois novos participantes, a fenomenologia mediúnica se tornou a ferramenta principal para as pesquisas que abordaram os seguintes temas: a Apometria, a Umbanda, as técnicas de desobsessão, as filosofias orientais etc.

Em 2003, o projeto criou uma ONG para servir de laboratório para as pesquisas: a ONG Círculo de São Francisco, encerrada após a conclusão das mesmas.

Apesar de utilizar a suposta comunicação com os espíritos como recurso metodológico, é importante esclarecer que o projeto Homospiritualis não tem nenhuma posição fechada sobre o fenômeno. Buscando conhecer as interpretações sobre esta manifestação psíquica, encontramos seis diferentes hipóteses:

1. a mediunidade é fraude, charlatanismo;
2. a mediunidade é uma patologia mental;
3. o médium manifesta durante o transe informações presentes em seu próprio inconsciente;
4. o médium manifesta informações presentes no inconsciente coletivo da humanidade;
5. o médium é um instrumento do demônio;
6. o médium transmite informações de seres incorpóreos, os espíritos dos mortos.

Apesar da existência das seis teorias acima e, possivelmente, de outras que não conhecemos, as pesquisas realizadas no projeto Homospiritualis não se preocuparam em teorizar sobre esse assunto, concentrando o seu esforço no conteúdo das mensagens transmitidas pelos médiuns que participaram do projeto. Assim, através da mediunidade coletamos informações e dados que foram interpretados utilizando vários recursos e métodos das pesquisas qualitativas em Ciências Humanas como a História oral, a Pesquisa-ação, a Etnografia, a Mitocrítica etc.

Este campo de pesquisa, original e que abre uma nova perspectiva acadêmica, recebeu, de nossa parte, o nome Espiritologia ou Ciências do Espírito.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1 – Uma abordagem holonômica da Terapia Vibracional Integrativa	13
Capítulo 2 – Imagens e símbolos na Terapia vibracional Integrativa: uma visão arquetípica	25
Capítulo 3 – As principais técnicas meditativas que compõem a TVI	42
Anexo – Sugestões de induções animagógicas que podem ser realizadas durante as práticas	53

INTRODUÇÃO

A Terapia Vibracional Integrativa (TVI) foi uma das principais contribuições do projeto Homospiritualis, ao longo da chamada Década da Cultura de Paz (2001-2010). Sua origem foi bem singular e está relacionada a uma experiência espiritual vivenciada por mim no início do século XXI.

Junto com alguns amigos, eu havia participado da criação do projeto Homospiritualis, cuja missão foi a de difundir os valores e princípios da Cultura de Paz no município de São Carlos, no interior do estado de São Paulo. O Projeto foi o responsável pela criação de um espaço espiritualista denominado Centro de Estudos e Vivências Cooperativas e para a Paz, que se localizava na Rua Marechal Deodoro, perto do teatro municipal. Ali, a comunidade podia praticar Yoga, Reiki, Tai-chi, Danças Circulares, Meditação e outras atividades, além de participar de inúmeros grupos de estudos. As atividades eram gratuitas e mantidas com recursos da bolsa de estudo que eu recebia enquanto cursava o doutorado. Com o fim da bolsa, o centro não teve condições de se manter e fechou suas atividades em março de 2003, sendo substituído pela ONG Círculo de São Francisco, uma organização mais modesta, voltada para pesquisas que durou de 2003 a 2007.

A grande motivação para realizar este trabalho foi um fato bem insólito. Frequentemente, ao participar de algumas atividades espiritualistas, minha mente era invadida por uma luminosa cor verde e, no seu interior, aparecia um desenho que lembrava uma cruz. De tanto visualizar essa imagem, eu a desenhei em uma folha de papel e mostrei para várias pessoas. Ninguém sabia me dizer o que ela representava. Notei, também, que a visão dessa imagem se intensificou quando intui uma técnica para aplicar Reiki em mais de uma pessoa por vez, ou seja, para se trabalhar com grupos de pessoas.

A necessidade de pensar em estratégias para atender mais pessoas ao mesmo tempo surgiu com o aumento da procura pelo Reiki naquele Centro de Estudos. Não tínhamos tempo e voluntários para atender individualmente todos os interessados. Assim, tive uma idéia. Reunir um grupo, fazer algumas danças circulares mais meditativas e, em seguida, pedir para que todos se deitassem em colchonetes. Em seguida, eu enviava energia para o grupo. Essa experiência foi muito agradável e eu chamei essa técnica, em 2001, de Mandala-Reiki.

Durante vários anos, sempre que focalizava essa vivência naquele Centro de Estudos ou em outros locais, onde era convidado, a imagem daquela cruz verde tomava conta da minha tela mental. Mas foi em 2003, finalmente, que descobri o que significava aquela imagem. Eu fui procurado por um jovem estudioso da Cabala que se ofereceu para ministrar um curso sobre o tema. Como nada acontece por acaso, durante uma das aulas ele mostrou vários símbolos e entre eles o famoso crucifixo de São Damião, uma imagem bizantina que ornava a capela de Assis, no século XII. Ou seja, eu estava diante da imagem que povoava a minha mente sempre que participava de alguma experiência espiritualista. Descobrir que eu estava diante de tão famoso ícone franciscano me encantou e passei a chamar a técnica de Círculo de São Francisco, deixando para trás o antigo nome: Mandala-Reiki.

Outra experiência insólita também foi fundamental para a mudança no nome. Pouco tempo depois, procurei o mestre que me iniciou no Reiki. Eu sentia vontade de ensinar a técnica para outras pessoas e ele foi taxativo: somente os mestres poderiam criar e ensinar técnicas novas de Reiki. Se eu quisesse ensinar o Mandala-Reiki precisaria fazer o curso para mestre que custava cinco mil reais. Após tanto pensar se valeria a pena aquele investimento, aceitei fazer o curso e agendamos a data.

Porém, na véspera do curso, eu estava no Centro de Estudos quando dois rapazes foram até lá com o objetivo de conhecer o trabalho que realizávamos. Conversamos muito, apresentei todas as dependências do local e as atividades que lá aconteciam. Ao se sentir mais confiante, um deles falou que era médium kardecista

e que foi até lá porque um Espírito queria falar comigo. Segundo ele, teria sido esse ser incorpóreo quem tinha passado para eles o meu nome e o endereço do Centro.

Eu nunca tinha conversado com um Espírito e achei a idéia interessante. Não senti medo, apenas curiosidade. Fui com o rapaz até a sala onde aplicávamos Reiki e, em poucos minutos, ele entrou em transe e “incorporou” um Espírito que começou a falar em alemão comigo. Percebendo que eu nada entendia, disse em português: “então você não se lembra mais da língua que falou em sua vida passada?”

Ele disse outras coisas, mas duas me chamaram a atenção. Falou que ele havia me intuído na elaboração da técnica coletiva para aplicação de Reiki e que havia gostado do novo nome, “Círculo de São Francisco”. E disse também que eu habitava, no mundo espiritual, uma colônia administrada pelo Espírito que viveu como São Francisco de Assis. Além disso, falou que estava à disposição para me ensinar tudo o que eu precisaria para enviar energia para as pessoas, sem precisar gastar dinheiro com aquele curso que eu pretendia fazer, ou seja, o para se tornar mestre de Reiki.

Essas informações me desconcertaram. Não podia ser brincadeira do médium, pois eu não o conhecia. Além disso, em nenhum momento da nossa conversa eu disse que estava me programando para fazer aquele curso.

Após essa experiência, aceitei a proposta daquele suposto ser incorpóreo para estudar outras técnicas, o que aconteceu durante aproximadamente dois anos, em reuniões semanais de duas horas de duração. Neste período, o médium foi até o Centro de Estudos e, após incorporar o meu novo “mestre”, iniciávamos a aprendizagem.

Em 2005, mais de dois anos após o encerramento desta experiência de educação espiritual, resolvi mudar o nome da técnica novamente. Ela passou a ser denominada Terapia Vibracional Integrativa (TVI) ou simplesmente “meditação integrativa”. A mudança foi para ter a oportunidade de apresentá-la em encontros acadêmicos ou realizá-la em ambientes não espiritualistas.

Enfim, para se ter mais credibilidade, eu achei necessário criar esse nome pomposo, apesar de, na essência, continuar sendo o velho e bom “Círculo de São Francisco”.

Neste livro, apresento a proposta terapêutica em três capítulos. Os dois primeiros são teóricos, partindo de perspectivas diferentes, porém, complementares e, no último, descrevo algumas das técnicas que formam a TVI, que desde 2003 venho ensinando de graça para quem deseja aprendê-la e usá-la para levar mais saúde e bem-estar físico, emocional, mental e espiritual para quem necessita.

E se lembrarmos que James Hillman, famoso psicólogo e seguidor das pesquisas junguianas, certa vez afirmou que nas teorias do mundo exterior desalmado estão latentes a despersonalização e a desrealização, podemos ir além e afirmar que as teorias do mundo exterior *des*-almado induzem à obsessão do sapiens pelo des-envolvimento, no qual esta latente a necessidade de *des*-personalização e de *des*-realização manifestadas na correria *des*-confortável, insensata e sempre dirigida ao futuro das sociedades modernas e contemporâneas, chamadas de “civilizadas”.

Possivelmente, a obsessão pelo *des*-envolvimento é o que gera, em muitos cidadãos, o *des*-gosto pela vida, uma vez que esta se torna, para essas pessoas, *des*-provida de cor, de temperatura, de sonoridade, de sabor e de cheiro. Em suma, podemos dizer que o excesso de *des*-envolvimento é o grande responsável pelo *des*-encantamento do mundo.

E a Terapia Vibracional Integrativa, enquanto meditação psicossócio-espiritual, é uma alternativa a esse mundo *des*-almado que, além do iminente *des*-astre, nos transmite a sensação *des*-agradável de estar num mundo de *des*-respeito e de solidão. Ela não foi pensada para adaptar o participante a esse mundo, mas como parte integrante de um meio sócio-cultural e educacional que valoriza o re-envolvimento do corpo e da alma, da sociedade e da natureza, do *animus* e do *anima*, em suma, o surgimento do *Homem Integral* ou do *Homo spiritualis*.

CAPÍTULO I

UMA ABORDAGEM HOLONÔMICA DA TERAPIA VIBRACIONAL INTEGRATIVA

“Quanto mais investiga a natureza, mais se convence o homem de que vive num reino de ondas transfiguradas em luz, eletricidade, calor ou matéria, segundo o padrão vibratório em que se exprimam.

Existem, no entanto, outras manifestações da luz, da eletricidade, do calor e da matéria, desconhecidas nas faixas da evolução humana, das quais, por enquanto, somente poderemos recolher informações pelas vias do Espírito.”

*Espírito André Luiz
(médium Chico Xavier)*

Neste capítulo vamos abordar a visão de alguns Espíritos, particularmente Andre Luiz e Ramatís, e como suas Psicofias (sabedorias espirituais) ajudam a compreender o funcionamento da Terapia Vibracional Integrativa. Estes dois livros foram sugeridos como leitura durante as aulas que tive com o suposto espírito, nas aulas que descrevi acima. Os livros sugeridos foram: *Mecanismos da mediunidade*, escrito em 1960, pelo suposto Espírito André Luiz, através da mediunidade de Chico Xavier e *Fisiologia da alma*, de Ramatís, psicografado por Hercilio Maes.

O primeiro autor incorpóreo recorreu ao conhecimento científico de Terra para tentar explicar os fenômenos mediúnicos e, também, o que mais nos interessa neste momento: os processos de irradiação eletromagnética. Como afirma o autor incorpóreo, no livro em questão, com o advento da mecânica ondulatória:

“... Mais da metade do Universo foi reconhecida como um reino de oscilações, restando a parte constituída de matéria igualmente suscetível de converter-se em ondas de energia.

O mundo material como que desapareceu, dando lugar a tecido vasto de corpúsculos em movimento, arrastando turbilhões de ondas em freqüências inumeráveis, cruzando-se em todas as direções, sem se misturarem.

O homem passou a compreender, enfim, que a matéria é simples vestimenta das forças que o servem nas múltiplas faixas da Natureza e que todos os domínios da substância palpável podem ser plenamente analisados em linguagem matemática, embora o plano das causas continue para ele indevassado, tanto quanto para nós, as criaturas terrestres temporariamente apartadas da vida física.”

Segundo André Luiz, nossos conhecimentos ainda não estão aptos a equacionar o meio sutil em que os sistemas atômicos oscilam. Einstein chamou esse espaço de campo, e o escritor incorpóreo preferiu definir o meio sutil em que o Universo se equilibra como sendo o Fluido Cósmico, a força “inabordável que sustenta a Criação”. Esse fluido seria, portanto, “a base mantenedora de todas as associações da forma nos domínios inumeráveis do Cosmo, do qual conhecemos o elétron como sendo um dos corpúsculos-base”. Por sua vez, Nikola Tesla (1856-1943), cientista austríaco que se destacou no campo dos estudos sobre os fenômenos eletromagnéticos chamou essa base mantenedora de “energia escalar”.

Porém, no caso particular de cada criatura humana, André Luiz afirma que a “aura” ou “halo vital” será tecido por correntes atômicas sutis emanadas, sobretudo, pelos pensamentos. Respeitando as leis dos quanta de energia e da mecânica ondulatória, a aura apresenta determinada cor peculiar, frequentemente descrita pelos videntes. Nesse sentido, cada pessoa seria capaz de fazer vibrar uma onda mental própria. Assim, nosso pensamento seria o agente essencial para as realizações, seja no plano físico ou no extrafísico. Em outras palavras como esclareceu André Luiz, por intermédio da indução mental:

“... (No domínio da energia elétrica) um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmiti-las a outro corpo sem contato visível. No reino dos poderes mentais a indução

exprime processo idêntico, porquanto a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize. E tanto na eletricidade quanto no mentalismo, o fenômeno obedece à conjugação de ondas, enquanto perdure a sustentação do fluxo energético”.

Dentro desta perspectiva, podemos levantar a seguinte hipótese: que o Espírito, encarnado ou não, pode, por homologia, ser comparado a um dínamo complexo. Ele é ao mesmo tempo, gerador, indutor, transformador e coletor de energia. Além disso, é capaz de assimilar correntes contínuas de força e, simultaneamente, exteriorizá-las. Ainda segundo André Luiz:

“Erguendo-se sobre os vários departamentos do corpo, a funcionarem por motores de sustentação, o cérebro, com as células especiais que lhe são próprias, detém verdadeiras usinas microscópicas, das quais as pequenas partículas de germânio, na construção do transistor, nos conjuntos radiofônicos miniaturizados, podem oferecer imperfeita expressão.

É aí, nesse microcosmo prodigioso, que a matéria mental, ao impulso do Espírito, é manipulada e expressa, em movimento constante, produzindo correntes que se exteriorizam, no espaço e no tempo, conservando mais amplo poder na aura da personalidade que se exprime, por meio de ação e reação permanentes, como acontece no gerador comum, em que o fluxo energético atinge valor máximo, segundo a resistência integral do campo, diminuindo de intensidade na curva de saturação.

Nas reentrâncias de semelhante cabine, de cuja intimidade a criatura expede as ordens e decisões com que traça o próprio destino, temos, no córtex, os centros da visão, da audição, do tato, do olfato, do gosto, da palavra falada e escrita, da memória e de múltiplos automatismos, em conexão com os mecanismos da mente, configurando os poderes da memória profunda, do discernimento, da análise, da reflexão, do entendimento e dos multiformes valores morais de que o ser se enriquece no trabalho da própria sublimação.”

Relacionando estas questões com a prática da Terapia Vibracional Integrativas, podemos considerar que todos nós so-

mos capazes de produzir e irradiar vibrações eletromagnéticas cujas frequências variam conforme os estados mentais de cada emissor. A alma, nesse sentido, articula, a seu redor, as radiações das sinergias funcionais. Ou seja, a alma se encontra envolvida em uma aura de forças eletromagnéticas. Por essa razão, tudo o que pensamos gerará “formas-pensamento” que serão lançadas para o ambiente, criando a nossa volta uma psicoesfera eletromagnética que atrairá forças (pensamentos, seres incorpóreos etc.) de mesma vibração. Esta afinidade vibracional nos ajuda a compreender o “é dando que se recebe”, da oração de Francisco de Assis ou a lição de Paulo (6:7), de que “iremos ceifar aquilo que semearmos”.

Ou seja, cada Espírito, pelo poder vibratório emanado, imprime um fluxo energético que está manifesto em sua personalidade. E é capaz de aumentar seu padrão vibratório conforme converte sua vontade de prazer em prazer em servir. E o cérebro seria como um poderoso “computador” capaz de receber diferentes correntes vibratórias e as transformar em imagens, vozes, cores, palavras, entre outros sinais adequados às faixas de sintonia natural da Terra, o ambiente em que vivemos atualmente a nossa existência, mas não seria ele o responsável pelo pensamento. Pensar é uma habilidade espiritual, ou seja, um produto concreto da consciência do Ser.

O pensamento é o modo de o Espírito modelar os fluidos à sua vontade, dando-lhe formas, propósitos e, às vezes, objetivos. Isso acontece consciente e inconscientemente. É por essa razão que podemos afirmar que todos nós somos médiuns, pois, como agente de indução, nosso pensamento, ao ser exteriorizado na forma de ondas, voltará para nós mesmos enriquecidos com os daqueles (encarnados ou não) que estão sintonizados com as mesmas criações mentais. É tudo uma questão de afinidade vibracional.

Por isso torna-se fundamental o autopolicimento de nossa vida mental, sem paranóias, obviamente. Esse “vigiar” é importante se pretendemos nos sintonizar com as esferas mais sublimes e com os Espíritos nobres, uma vez que, como nos salientou André Luiz:

“Estamos ligados em Espírito com todos os encarnados ou desencarnados que pensam como pensamos, tão mais estreita-

mente quão mais estreita a distância entre nós e eles, isto é, quanto mais intimamente estejamos comungando a atmosfera mental uns dos outros, independentemente de fatores espaciais.

Uma conversação, essa ou aquela leitura, a contemplação de um quadro, a idéia voltada para certo assunto, um espetáculo artístico, uma visita efetuada ou recebida, um conselho ou uma opinião representam agentes de indução, que variam segundo a natureza que lhes é característica, com resultados tanto mais amplos quanto maior se nos faça a fixação mental ao redor deles.”

Poucas pessoas se dão conta desse fato, e a melhor forma de se proteger dos fluidos deletérios emanados por encarnados ou desencarnados está na fórmula ensinada por Jesus: “Orar e vigiar”. Lembrando apenas que orar não é repetir palavras ou frases decoradas, mas emanar do coração nossos mais sinceros agradecimentos e pedidos a Deus. E como o fluido cósmico é o caminho para a comunicação entre os Espíritos, não é preciso implorar por meio de sonoros gritos. O som se propaga no ar, mas a prece se propaga também no silêncio e no recolhimento.

É por isso que a força do pensamento pode ser construtiva ou destrutiva, proporcionando alcançar resultados tangíveis como a somatização de doenças, de um lado, ou a facilitação da cura, de outro. É importante mais uma vez nos lembrarmos de André Luiz quando afirma:

“Quanto mais enobrecida a consciência, mais se lhe configurará a riqueza de imaginação e poder mental, surgindo, portanto, mais complexo o cabedal de suas cargas magnéticas ou correntes mentais a vibrarem ao redor de si mesmo e a exigirem mais ampla quota de atividade construtiva no serviço em que se lhe plasmem vocação e aptidão.”

Dentro desta perspectiva, a pessoa que pretenda utilizar a TVI como atividade psico-social precisa manter certa higiene espiritual, cultivando pensamentos elevados e evitando desregramento de natureza física ou psíquica. Já o participante que busca o auxílio nesta prática necessita estar receptivo para

recolher em sua constituição fisiopsicossomática os fluidos magnéticos enviados pelo focalizador da atividade. Além disso, também precisa realizar sua higiene espiritual, o que chamamos de animagogia (educação espiritual), para que possa, de fato, manter sua saúde, uma vez que ela, assim como a enfermidade, resultam da harmonia ou da desarmonia do indivíduo diante das leis numinosas que atuam sobre o plano físico.

Sobre essa questão, o Espírito Ramatís, em seu livro *Fisiologia da alma*, escreve algo muito significativo. Ele afirma:

“As moléstias, portanto, em sua manifestação orgânica, identificam que no mundo psíquico e invisível aos sentidos da carne a alma está enferma! O volume de cólera, inveja, luxúria, cobiça, ciúme, ódio ou hipocrisia que porventura o Espírito tenha imprudentemente acumulado no presente ou nas existências físicas anteriores forma um patrimônio “morbo-psíquico”, uma carga insidiosa e tóxica que, em obediência à lei da harmonia espiritual, deve ser expurgada da delicada intimidade do perispírito. O mecanismo ajustador da vida atua drasticamente sobre o Espírito faltoso; ao mesmo tempo que o fardo dos seus fluidos nocivos e doentios vai-se difundindo depois pelo seu corpo físico.”

A medicina atual, infelizmente, ainda se preocupa muito mais com a doença (o processo de o Espírito drenar seu psiquismo doentio através do corpo físico) do que com o doente em si. Essa drenagem receberá infinitas nomenclaturas: lepra, tuberculose, câncer, AIDS etc. Isso talvez ocorra pelo fato de a causa da moléstia ser, quase sempre, dinâmica e oculta aos olhos físicos. O Espírito doentio que despeja na carne os fluidos deletérios só será pensado como doente quando o processo de materialização física se tornar evidente, alterando os tecidos, deformando órgãos, perturbando os sistemas vitais.

Como já foi salientado, é por intermédio da mente que se pode modificar a ética dos sentimentos, agindo sobre nosso temperamento e, também, sobre a organização celular do organismo físico. E nesse processo, o Espírito se serve do cérebro para produ-

zir ondas de forças que circulam por todo o corpo físico e graduam-se conforme o campo energético. No mesmo livro, Ramatís faz a seguinte correlação entre os pensamentos/sentimentos e seu efeito no corpo físico:

“... O medo ataca a região umbilical, na altura do nervo vagossimpático, e pode alterar o funcionamento do intestino delgado; a alegria afrouxa o fígado e o desopila da bÍlis; enquanto o sentimento de piedade reflui instantaneamente para a região do coração. A oração coletiva e sincera, da família, ante a mesa de refeições é bastante para acalmar muitos espasmos duodenais e contrações opressivas da vesícula hepática, assim como predispõe a criatura para a harmonia química dos sucos gástricos. O corpo físico é o prolongamento vivo do psiquismo; é a sua forma condensada na matéria, por cujo motivo sofre com os mais graves prejuÍzos os diversos estados mórbidos da mente. A inveja, por exemplo, comprime o fígado, e o extravasamento da bÍlis chega a causar surtos de icterícia, confirmando o velho rifão de que a “criatura quando fica amarela é de inveja”. O medo produz suores frios e a adrenalina defensiva pode fazer eriçar os cabelos, enquanto a timidez faz afluir o sangue às faces, causando o rubor. Diante do inimigo perigoso, o homem é tomado de terrível palidez mortal; a cólera congestiona de sangue o rosto, mas paralisa o afluxo de bÍlis e enfraquece o colérico; a repugnância esvazia o conteúdo da vesícula hepática que, penetrando na circulação, produz náuseas e as tonturas.”

Podemos constatar, pelo exposto acima, que a mente afeta todas as partes do ser humano, atuando no sistema nervoso, linfático, endócrino, circulatório etc., podendo alterar a composição e o funcionamento dos órgãos físicos. Essa é uma lei imutável e espiritual capaz de produzir a saúde ou a enfermidade física. Essa explicação, aliás, já vem sendo aceita por alguns médicos da Terra.

Nestes anos ensinando e praticando a TVI, já presenciamos diferentes e fantásticas curas. Mas no processo não há nada de miraculoso. Esta prática apenas induz o participante a se retificar psiquicamente, buscando uma purificação do Ser de dentro para

fora. Na vivência, os fluidos disponibilizados interpenetram o perispírito imortal do participante, processando desde a esfera mental até as extremidades do corpo físico, e atuando como catalisador que desperta energias, acelerando reações no organismo combatido. A prática intensifica e eleva o *quantum* de vitalidade adormecida sempre que o participante desperta sua natureza receptiva, predispondo seu campo mental e astral para a absorção da energia dinamizadora.

E no caso de se tratar de uma enfermidade cármica, ou seja, de uma doença supostamente adquirida em uma vida passada e que a encarnação atual seria o tratamento balsâmico? Neste caso, mesmo que a cura não seja permitida, a pessoa pode aprender como estabelecer uma relação mais harmoniosa com a enfermidade. Novamente Ramatís elucida muito bem essa problemática:

“... Mesmo a criatura mais deserdada na vida física ainda pode servir-se de sua vontade e atuar na origem ou na essência de sua vida imortal, usando de força mental positiva para desatar as algemas da infelicidade, ou sobrepujar em Espírito os próprios efeitos cármicos do seu passado delituoso. Então é a própria lei cármica que passa a ser dirigida pelo Espírito em prova e que inteligentemente procura ajustar-se ao curso exato e evolutivo da vida espiritual, integrando-se ao ritmo natural de seu progresso; ele abstém-se de resistir ao impulso sábio que lhe vem do mundo oculto do Espírito e harmoniza-se paciente e confiante aos objetivos do Criador. (...) As criaturas confiantes no sentido educativo da vida humana não só extraem as mais vigorosas energias da própria dor, como ainda superam o seu sofrimento acerbo e produzem obras e trabalhos notáveis”.

Podemos notar na fala do suposto Espírito que a vida humana não tem nada de fatalidade. E que existe uma relação dinâmica entre as forças cósmicas e as da vontade individual. Podemos não ter o “merecimento” hoje para uma cura, mas, amanhã, dependendo de nossas atitudes, mudando os pensamentos e sentimentos com os quais reagimos diante das vicissitudes da vida, passamos a ter. E é preciso também lembrar o papel positivo da dor para o nosso amadurecimento espiritual. Sobre isto, nos revela Ramatís:

“Embora a dor e o sofrimento sejam desagradáveis, a sua função é a de transformar a vestimenta perispiritual oriunda das energias telúricas do mundo animal na contextura delicada da túnica Angélica. A encarnação do Espírito nos mundos planetários é providência abençoada, que desenvolve a sua consciência e proporciona-lhe a oportunidade de alcançar a ventura pelo mérito do esforço pessoal. A sua demora no contato com a matéria provém do desejo sempre insatisfeito e do apelo demasiado à grande ilusão da vida física, como se esta fora a verdadeira vida. Os entretenimentos ilusórios da matéria e as paixões perigosas, quando muito cultuados, enfraquecem a vontade e a hipnotizam de retorno à linhagem animal que constitui a base do perispírito. Mas é de lei divina que todas as almas terminem saturando-se pela mediocridade dos sentidos físicos e modifiquem seus planos e destinos, para buscarem em definitivo as compensações elevadas dos mundos espirituais.”

Ou seja, a única fatalidade que parece existir é a de que, mais cedo ou mais tarde, todos vão se libertar da necessidade de reencarnar. E esse processo acontece com o desapego material e com a consciência espiritual dominando a consciência humanizada, o Ego. E esse processo também ajuda a pessoa a se tornar mais eletiva a um tratamento bioenergético e espiritualista, como é o caso da Terapia Vibracional Integrativa. Em outras palavras, uma doença física decorrente da purificação do perispírito, comprometido em encarnações anteriores, poderá ser curada ou aliviada se, na atual encarnação, o enfermo se esforçar para melhorar seu padrão vibratório, mudando os sentimentos e os pensamentos. Assumir a responsabilidade pela própria cura é um importante caminho para a aquisição de “méritos”. No meio espiritista conta-se, com frequência, a história de uma pessoa que, no planejamento de seu resgate cármico, antes de encarnar, foi informada que poderia vir a perder um braço em um acidente. Porém, após encarnar, conseguiu graças a sua benevolência enxugar parte dessa toxidade astral com o amor; assim, ao sofrer o inevitável acidente, perdeu apenas um dedo e não o braço. Enfim, podemos considerar que só há dois caminhos para nos livrar de um “carma”: o amor ou a dor. Porém, sempre recebemos apenas o que necessitamos e merece-

mos. No exemplo acima, este Espírito adquiriu merecimento positivo durante a atual encarnação e quando o acidente programado para acontecer em sua vida humanizada ocorreu, a colheta se tornou menos dolorosa.

Em outras palavras, podemos entender que havia um *quantum* de toxidade para ser drenado. Ele tinha um tempo para drenar através do amor. Por ter aproveitado este tempo, o “resgate” foi menor. Se não tivesse aproveitado, precisaria drenar essa toxidade perdendo todo o braço no inexorável acidente programado para acontecer em sua vida. De uma forma ou outra, o “resgate” aconteceria naquela encarnação. Mas temos sempre a liberdade de optar em enxugar o carma com o amor ou com a dor.

No meio espiritista, ocultista ou esotérico afirma-se que muitas vezes enfrentamos moléstias que nós mesmos solicitamos antes de nossa reencarnação, com o objetivo de purificarmos nosso corpo astral ou perispírito. Neste caso, a dor adquire caráter educativo para o Espírito, auxiliando-o para que não mais cometa os mesmos erros. Porém, mais do que uma punição, trata-se de uma bênção divina para o Espírito em sua caminhada pela eternidade. E a frustração ou o sofrimento quando se vivencia uma vicissitude negativa pode ser atenuado ou nem existir, quando aceitamos que a vida não é feita apenas por momentos positivos ou agradáveis. Em uma das perguntas que Kardec faz aos Espíritos em O livro dos Espíritos, ele questiona se alguém está fadado a viver uma encarnação infeliz. E a resposta que ouve é que está confundindo o que está programado para acontecer e o livre-arbítrio moral de cada um de nós. Viver feliz ou infeliz é fruto do livre-arbítrio, pois é um estado de Espírito. É por isso que o Budismo ensina os seus discípulos a serem felizes incondicionalmente, ou seja, não permitindo que as coisas que acontecem no mundo exterior lhe tirem a paz interior. Aquele que se condiciona a ser feliz somente quando acontece aquilo que considera agradável, corre sim o risco de ter uma vida inteira de infelicidade. É por isso que Jesus afirma que a felicidade não é deste mundo. Ele não quer dizer que a felicidade é de outro mundo, o espiritual, por exemplo. Mas que ela é do Espírito. Cabe ao Espírito ser feliz, independentemente das coisas que lhe acontecem durante a encarnação.

Em suma, podemos concluir que nem todos os enfermos terão sucesso com as técnicas da TVI. Alguns enfermos ainda necessitarão das medicinas agressivas e invasivas em razão de seu atual padrão vibratório. Assim, o paciente eletivo, que apresenta predisposição para o tratamento fluídico, é aquele que dinamiza em si uma disposição animadora para as vibrações curativas. O excesso de condições psíquicas negativas dificultará sua incorporação energética. Por isso se diz que a Fé, a Vontade e o Merecimento são necessários para um melhor sucesso terapêutico.

E como foi possível constatar nas citações acima, cabe ao próprio indivíduo adquirir merecimento para se tornar eletivo a um tratamento bioenergético. A crença nas forças magnéticas e a convicção na sobrevivência da alma são fatores que ajudam a avivar e a clarear o campo da aura, permitindo que a energia circule durante a sessão. Caso contrário, pode-se formar uma barreira que dispersa as vibrações enviadas durante a vivência.

Infelizmente, há quem acredite que, quanto mais cara uma sessão de tratamento vibracional, independentemente da técnica utilizada, mas eficiente é o terapeuta. Na verdade, a cura depende mais do enfermo do que da terapia adotada. Por exemplo, o glúton, o impiedoso, o descrente, o libidinoso, o alcoólatra, o colérico, o avaro terão menos condições de ser curados (não são pacientes eletivos) do que a pessoa frugal, piedosa, pacífica, honesta, casta, espiritualista, abstinência, etc., independente do valor pago pela sessão.

Livre das energias inferiores ou do bombardeio de petardos tóxicos da mente desordenada, o paciente terá mais sensibilidade espiritual e se sintonizará com mais facilidade às forças magnéticas das técnicas que compõem a TVI. Assim, quanto mais consciente e convicto da sobrevivência espiritual, mais receptivo estará à ação terapêutica vibracional. O filósofo alemão Schopenhauer, estudioso do budismo, escreveu: *“Hoje em dia (século XIX), quem não acredita no magnetismo não é cético, é um ignorante”*. O que poderia ser dito, então, neste limiar de século XXI?

Infelizmente, o número de pessoas cujas condições mentais e emotivas são ideais para um tratamento terapêutico vibracional

ainda é pequeno. A maior parte dos enfermos está viciada em procurar uma doença, sem saber que é seu psiquismo perturbado, nesta ou em outra encarnação, que gerou seu problema mórbido.

Para estes, infelizmente, resta apenas submeter-se à medicação tóxica e à peregrinação por consultórios médicos, nos quais todo o seu organismo é minuciosamente esquadrinhado sem que um resultado satisfatório apareça, pois, na maioria dos casos se está buscando apenas uma diagnose externa.

Em outras palavras, a cura depende, sobretudo, do próprio paciente. O seu zelo, perseverança, paciência, mudanças de atitudes, crença nos propósitos sábios e educadores da vida na Terra etc. abrirão caminho para sua desintoxicação psicossomática. Sem a animagogia, a mudança interior, qualquer trabalho de TVI será inócuo. De nada adiantará o paciente sair *pisando em nuvens* após a vivência se o restante do dia é feito de cólera, ódio, ciúme, etc.

A Terapia Vibracional Integrativa ajuda a aliviar a carga mórbida de seu psiquismo, mas não tem forças para violar o “livre-arbítrio” de ninguém, nem para modificar o caráter espiritual e moral de um Ser.

Uma criatura descontrolada irá, com o tempo, comprometer novamente seu psiquismo caso volte a perpetrar os mesmos desatinos espirituais. A TVI não tem como impor os princípios morais superiores. Isso é obtido pelo próprio enfermo por intermédio de sua *animagogia*. Na TVI vamos proporcionar condições mais otimistas e estimulantes para o autoconhecimento e para a cura. Porém, se não houver a contrapartida do enfermo, nenhum êxito encontrará nesse tipo de tratamento.

Lembrando novamente as sábias afirmações de Ramatís:

“É evidente que, por maior abnegação e amor existentes num médium ou passista magnético, o seu trabalho resultará quase inútil desde que o paciente não empreenda a sua renovação mental e se integre ao evangelho de Jesus, ou mesmo aos princípios nobres e elevados de qualquer outra doutrina louvável de pedagogia espiritual”.

CAPÍTULO 2

IMAGENS E SÍMBOLOS NA TERAPIA VIBRACIONAL INTEGRATIVA: UMA VISÃO ARQUETÍPICA

“No corpo humano oculta-se uma certa substância metafísica que é conhecida de pouquíssimas pessoas e que não precisa de nenhum medicina, pois ela mesma é a medicina incorruptível. Os filósofos, por meio de alguma inspiração divina, reconheceram a força e a celeste virtude dessa substância e aprenderam a libertá-la de seus grilhões, não por intermédio de algum princípio contrário, como o faz a física, mas sim por meio de uma medicina semelhante que há nele mesmo.

Brilha dentro de nós, ainda que tenuamente na escuridão, a vida e a luz do homem, uma luz que não emana de nós, mas que, no entanto, está em nós, e devemos, portanto, encontrá-la dentro de nós.”

Dorn, alquimista do século XVI

A TVI é um método psicossocial e espiritual que visa ajudar a acender a centelha do divino na vida cotidiana, cultivando nos participantes o desabrochar do *homo spiritualis*, atuando diretamente sobre a alma (*self*, em sentido junguiano) de cada um.

Também conhecida como Círculo de São Francisco, essa técnica, do ponto de vista teórico, pode ser interpretada à luz das obras de pensadores ocidentais como Mircea Eliade, Edgar Morin, Henry Corbin, C. G. Jung, entre outros, e também de textos clássicos de filosofia oriental e de Espíritos, como Ramatís, André Luiz etc., como fizemos no capítulo anterior.

Neste, faremos uma interpretação à luz das principais teorias do imaginário. Jung, por exemplo, já havia salientado que o homem ocidental, com seu conhecimento especializado, experimenta profunda estranheza diante da sabedoria oriental. Por outro lado, o criador da Psicologia Analítica é enfático ao considerar

que aqueles que, no Ocidente, menosprezam os méritos da ciência renegam sua própria base espiritual. Em suas palavras, a ciência é um instrumento do Espírito ocidental e com ela se abrem mais portas do que com as mãos vazias. É por essa razão que pretendo construir uma base sólida para interpretar esta experiência de *anima*-ação cultural, mesmo que seja por meio de autores ocidentais marginalizados academicamente, mas que foram transgressores o suficiente para servirem de base para os temas aqui discutidos, em vez de me pautar apela compreensão mística oriental.

A TVI lança mão do que chamarei de “danças numinosas”, ou seja, de movimentos corporais harmônicos que permitem a criação de um estado de hipoatividade psíquica no participante. Esses movimentos inspirados no Tai Chi Chuan e no movimento das Danças Circulares Sagradas, iniciado em *Findhorn*, comunidade espiritualista escocesa, têm por objetivo induzir o participante a uma lenta e progressiva dessensibilização dos estímulos exteriores, conduzindo-o a um estado sereno de meditação que, em alguns casos, resulta em estados extáticos similares ao *zazen* e ao *samadhi* relatados em práticas orientais.

Além de proporcionarem uma sensação de plenitude, as *danças* que antecedem o tratamento com as induções verbais e a imposição das mãos eliminam no participante quase todas as estruturas cognitivas que para nós ocidentais são “normais”. As categorias distintivas que compõem nosso mundo fenomênico também tendem a ser abolidas (objeto, sujeito, tempo, espaço).

Preferi chamar esses movimentos corporais de “danças numinosas” por ser uma das formas de utilizar sistêmica e coletivamente a *mimese*, uma vez que a potência simbólica da linguagem corporal, potencializada no rito corporal, permite a comunicação/interação do corpo com a alma. As *danças* possibilitam amplificar a recepção do fluxo energético compassivo durante o tratamento fluidoterapêutico. Assim, na TVI, elas são um meio e não um fim.

As danças numinosas oferecem ao participante uma forma de abertura lenta e gradual para estados de intro-versão e de intro-

visão, importantes para que, durante o tratamento bioenergético, o participante consiga alcançar a Unidade Inefável por trás das aparências. Em suma, o absoluto por trás do contingente, a eternidade por trás do tempo, transmutando padrões estagnados de energia em seu corpo físico e também no perispírito, ao mesmo tempo em que expande a individualidade do participante e permite maior abertura ao Outro, à cooperação, à solidariedade. É por isso que a TVI, com as suas técnicas, é, simultaneamente, um trabalho espiritual e psicossocial.

Durante as danças que antecedem o tratamento bioenergético, vários participantes narram a visualização de cores, sentem muito calor nas mãos ou uma corrente de vibração dirigindo-se para os pés. Outros começam a bocejar, lacrimejar ou salivar. Segundo médicos taoístas, trata-se de sintomas típicos de transmutação de energia estagnada.

Por meio do contato mediúnico com alguns mentores espirituais soubemos que tais movimentos auxiliam na limpeza energética do perispírito. Dessa forma, a sensação de plenitude e a troca fluídica ou energética são um fato. As danças preparam e auxiliam a realização do trabalho seguinte: a bioenergização em grupo.

É comum o participante visualizar imagens nítidas e intensas durante a vivência. Isso significa que conseguiu transcender o ego e acessou aquela dimensão que Henry Corbin chamou de *imaginal*. Estas visões numinosas não são simples fantasias de nossa mente consciente, tanto que, se tentamos dominar mentalmente essas imagens, elas simplesmente desaparecem. O olho físico e a razão não são capazes de retê-las.

Segundo os mentores espirituais que nos instruíram, esse trabalho possui duas dimensões complementares e importantes: uma “psicossocial” e outra “fluídica” (espiritual). As danças ajudam, por meio dos movimentos, da respiração, dos toques físicos, etc., a criar o que chamei de *homo cooperativus*, uma vez que estimulam a vivência em grupo. Essa parte do trabalho fortalece o “emocional” do grupo e a união. Além dessa dimensão com os encarnados, as danças são importantes também para o tratamento de Es-

píritos desencarnados. Os fluidos liberados pelos participantes, sobretudo os fluidos de amor, amizade, carinho, etc. são armazenados pelos médicos siderais e utilizados no tratamento de desencarnados que estão se libertando de enfermidades oriundas do ódio ou do desejo de vingança ou que ainda sentem necessidade de fluidos animalizados.

O trabalho fluidoterapêutico realizado em seguida conta com a ajuda da “espiritualidade”, ou seja, de seres desencarnados preparados para essa tarefa.

Para a realização da sessão, os procedimentos abaixo são indispensáveis:

1. Uma oração antes do início do processo de energização para que ocorra conexão mais forte entre os participantes e seus guias espirituais, afastando possíveis Espíritos “inferiores” que tentam furar a egrégora energética.
2. O focalizador NUNCA deve comer carne no dia em que realizar a sessão. Os fluídos negativos presentes na carne, pelo sofrimento do animal abatido, atraem esses seres que, apesar de desencarnados, ainda precisam desse tipo de energia densa. Os participantes também devem ser aconselhados a evitar consumir carne, fazendo uma refeição leve durante aquele dia.
3. Os participantes devem tomar um copo de água antes e um depois da sessão. Este procedimento auxilia no fluxo eletromagnético do tratamento.
4. Pessoas viciadas em drogas e que estão com muito ódio de alguém não devem participar do trabalho coletivo. Essas pessoas devem ser encaminhadas para um tratamento individual.

É importante salientar que problemas cármicos não se resolvem com essa técnica. Apenas alguns sintomas podem ser amenizados. O carma, para ser “desidratado”, só pode ser eliminado com o “suor do trabalho oposto feito com amor” ou com as “lágrimas da dor”.

O tratamento fluídico, individual ou em grupo, é uma forma de *hierofania*. Ou seja, algo de sagrado nos é revelado. Como nos diz Eliade, tomamos conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.

Como já salientou Eliade:

“Para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania”.

Para o historiador das religiões há duas modalidades de Ser no mundo: a profana e a sagrada. Esta última era a dominante nas sociedades não-modernas. Eliade, inclusive, diz que o homem dessas sociedades era o *homo religiosus*. No ambiente cibernético-informacional contemporâneo, a TVI favorece o desabrochar do *homo spiritualis*, outra modalidade de Ser no mundo capaz de integrar a sacralidade primitiva com as descobertas e a cientificidade do mundo atual.

A TVI reproduz no microcosmo o esquema dos ciclos arquetípicos que integram as diferenças entre os “regimes diurno” e “noturno”, estudados por G. Durand. E é importante afirmar que, como salientam os taoístas, sempre há a semente do outro pólo na manifestação de determinado padrão. É o que podemos perceber no mito de *Urano* e *Gaia*, em Hesíodo, por exemplo.

Urano, apesar de ser um mito heróico, não deixa de representar atributos “noturnos”, pois é um mito envolvente. *Gaia*, por sua vez, apesar de ser *Yin*, é quem luta para se des-envolver dos laços de *Urano* e gerar os filhos que estão em seu ventre. Lembremos também que, ao contrário do neto *Zeus*, *Urano* praticamente não luta. Ele costuma laçar seus inimigos e trazê-los para seu lado.

Assim, simbolicamente, podemos vivenciar o jogo complementar entre a ascensão, que vai de *Gaia* (*terra*) – que procura se des-envolver até atingir o *Ar* da transcendência –, e o processo de descida – que vai do *Ar* envolvente de *Urano* em direção à profundidade da *Terra* receptiva.

Por ser uma experiência inefável, é difícil nos reportar ao sagrado. Nesse sentido, lembrar as sábias palavras de Eliade nos traz algum conforto para tentar transmitir o que é uma vivência de TVI:

“O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’. É certo que a linguagem exprime ingenuamente o *tremendum*, ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas sabemos que essa terminologia analógica se deve justamente à incapacidade humana de exprimir o *ganz andere*: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural”.

A focalização de uma vivência é muito tranqüila. Todo o processo deve ocorrer em um local limpo, preparado exclusivamente para fins espiritualistas (aulas de Yoga, Tai Chi, meditação etc.), podendo ser de piso frio ou não. Por meio da experiência notei que, quando o processo ocorre com os pés descalços, o fluxo de energia parece estabelecer as trocas necessárias entre os corpos físicos e o ambiente. A única vez em que focalizei uma vivência de sapatos, por uma semana eu senti dores na região dos tornozelos.

A aparência parece ser essencial para que a essência apareça. Assim, uma limpeza do ambiente é necessária, e não só uma limpeza das sujeiras visíveis, mas também de padrões energéticos que vibram negativamente, poluindo os ambientes.

Nesse sentido, 10 ou 20 minutos antes da vivência, o focalizador poderá enviar fluidos para o ambiente por intermédio de uma prece ou da meditação. Outra opção é utilizar abajures de cromoterapia para a limpeza de ambiente.

Quando eu lecionava em uma faculdade particular em São José do Rio Preto (SP) notei que, todas as sextas-feiras, quando voltava para casa, eu passava o dia inteiro com dor de cabeça e vomitando. Eu ficava naquela cidade durante três dias (de terça

até quinta-feira). Para tentar solucionar esse problema, comecei a chegar mais cedo à sala de aula e, sentado, meditava e a enviava fluidos para o ambiente, por meio de preces, mentalizações de cores e pensamentos positivos.

Comecei a notar então que os alunos acostumados em fazer algazarra nos corredores, gritando, derrubando latas de lixo e praticando outros comportamentos “modernos”, ao pisarem ns sala de aula pareciam receber um choque eletromagnético. Não posso afirmar que eles se transformavam em santos, mas o comportamento mudava significativamente.

Cheguei a fazer uma experiência a distância com uma amiga que concluíra recentemente seu mestrado na Faculdade de Educação da USP e que não estava mais conseguindo lecionar em uma escola pública. Por e-mail ela me narrou a mudança no comportamento da classe durante o período em que estive meditando e enviando bons fluidos para os alunos. Infelizmente, ela não me autorizou a dar mais detalhes de nossa experiência nem a citar seu nome com medo de perder o emprego ou ser chamada de “maluca” por seus pares incrédulos.

Incensos ou essências aromáticas não possuem nenhuma propriedade transcendental, não afastam Espíritos nem trazem sorte, mas ajudam a aromatizar o ambiente, tornando-o mais agradável. Alguns aromas ajudam a relaxar. As velas são objetos decorativos, ajudam a criar uma ambiência mais prazerosa, com iluminação aconchegante, mas também não têm nenhuma serventia metafísica.

A prece, antes e depois da vivência, é sempre obrigatória. É ela que nos une a nossos protetores espirituais, conectando-nos aos Espíritos iluminados e benevolentes e formando uma corrente espiritual de fluidos benéficos.

Há na TVI uma simbologia manifestada na posição em que os participantes deverão permanecer durante o tratamento. Essas posições nos remetem à simbologia do centro, do círculo, da cruz e do quadrado, que atuará não no plano espiritual propriamente dito, mas na criação de uma ambiência mais receptiva ao tratamento fluídico.

Vamos aos símbolos. O centro simboliza todo princípio, o real absoluto, Deus. É no centro que se condensam e coexistem as forças opostas. Assim, é o lugar onde há a maior concentração de energia. Isso não significa que o centro seja estático. Ao contrário, deve ser considerado como o foco de onde parte o movimento da unidade para a multiplicidade, do interior para o exterior, do eterno para o temporal. Os processos de retorno, dessa forma, são movimentos de busca da unidade perdida. O centro possui uma significação esotérica: é o alimento místico que emana do centro e também o alimento biológico que emana do sangue materno. Em várias culturas, o centro é simbolizado como o umbigo da Terra.

O círculo, por sua vez, é o segundo símbolo fundamental. O círculo é um centro estendido. Como o centro, simboliza a perfeição, a homogeneidade, a ausência de distinção ou de divisão. Por isso, o movimento circular é considerado perfeito, imutável, sem começo ou fim. O círculo remete à simbólica do tempo e também do céu. E mais especificamente ao mundo espiritual, invisível e transcendente.

No centro do círculo todos os raios coexistem numa única unidade. Essa representação é encontrada, por exemplo, tanto na simbologia do zodíaco como também na dos doze *aditya* da Índia, os cavaleiros da Távola Redonda ou o Conselho Circular do Dalai-Lama. Na Psicologia Analítica, o círculo representa uma imagem arquetípica da totalidade da psique. É o símbolo do *self*.

Por sua vez, a cruz é um dos símbolos mais antigos da humanidade. Em Creta foi encontrada uma cruz de mármore datada, possivelmente, do século XV a.C. Como o quadrado, que veremos a seguir, também simboliza a Terra, mas com uma diferença sutil: a cruz está muito mais relacionada à ligação, à intermediação. A cruz, no Ocidente, está fortemente associada à simbólica do número 4, portanto, da totalidade, já que a cruz aponta para os 4 pontos cardeais. Na China, por sua vez, a cruz está relacionada ao número 5, pois considera também o centro, o ponto de interseção que coincide com o do círculo, como salientamos.

Independentemente disso, é importante ressaltar que a cruz possui uma função de síntese e de medida. Na cruz se juntam o

céu e a terra, o tempo (norte/sul) e o espaço (leste/oeste). Assim, a cruz recorta, ordena e mede os espaços sagrados. Para alguns estudiosos, a cruz pode ser comparada ao *Kua* (união do Yin e do Yang) ou à *tetraklis* pitagórica.

O quadrado, o último dos quatro símbolos fundamentais, representa a matéria terrestre, o corpo e a realidade. Representa o imanente e tem fortes homologias com a simbólica do número 4, talvez muito mais do que a cruz. As mandalas tântricas são quadrados de quatro portas cardeais. O quadrado é a figura de base do espaço, assim como o círculo é a do tempo. Para os pitagóricos, o quadrado representa a síntese dos quatro elementos (a água, o fogo, a terra e o ar).

Por fim, podemos afirmar que o círculo e o quadrado representam dois aspectos divinos complementares. O primeiro representa a unidade; o segundo, a manifestação divina. Por isso, entre eles, há ora uma relação de distinção, ora de conciliação. Em suma, o formato quadrangular representa a perfeição da esfera no plano terrestre.

O deitar em círculos, formando um mandala, é importante para favorecer a meditação em profundidade. Não é à toa que, na psicologia analítica, mandalas são utilizados para conservar a ordem psíquica ou para restabelecê-la.

As danças que antecedem o processo de energização costumam ocupar aproximadamente um quarto do tempo dedicado à vivência. Minha experiência mostra que as danças ajudam a criar uma ambiência propícia ao trabalho seguinte, mas quando o grupo resiste às danças é preciso respeitá-lo e iniciar diretamente o trabalho energético. Normalmente, pessoas muito racionais e que não deram a atenção devida ao próprio corpo e a suas necessidades são as que mais resistem ao trabalho propedêutico com as danças.

Notei também que as pessoas tendem a aprender determinado movimento corporal em três etapas. Na primeira, estão muito preocupadas em aprender os movimentos com a “cabeça”. Nessa etapa, também, a maioria tem medo de errar, tem vergonha de

estar sendo ridícula diante dos outros etc. Curiosamente, quanto mais tentamos dominar os movimentos mentalmente, mais nos confundimos e trocamos os passos ou os movimentos. Essa primeira etapa é um importante momento de aprendizado e de consciência corporal.

Aprendi que o focalizador precisa exercitar a paciência e deve sempre proporcionar uma ambiência descontraída e alegre para que o grupo não se intimide caso não consiga fazer os movimentos, sobretudo quando se trabalha com professores que se consideram “críticos”.

Em uma segunda etapa, não necessariamente no segundo encontro, os participantes começam a dominar os movimentos e a se encantar. De fato, passam a mexer o corpo, pois este já consegue se movimentar sozinho, independente da razão, e o prazer alcançado se intensifica. Já riem e não têm mais a sensação do ridículo.

A terceira etapa, porém, é a mais importante. Ela acontece quando os movimentos vêm do fundo da alma. É nesse momento que a centelha do Divino é percebida. Sente-se calor nas mãos, sente-se a energia fluindo pelo corpo, aparecem cores na mente, algumas pessoas começam a bocejar, lacrimejar, salivar etc. Todos esses sintomas são formas de transmutar energias estagnadas nos diferentes corpos energéticos que possuímos.

Nesse estágio os participantes estão experimentando mudanças e emoções purificadoras. Velhos pensamentos começam a se dissolver e as energias negativas são descarregadas no ambiente, sendo transmutadas.

A seguir, apresento a descrição de três danças numinosas que podem ser facilmente utilizadas em uma vivência. Uma delas, a chamada Meditação de São Francisco, é a que sempre deixo para o final, pois acredito que ela possui uma carga espiritual profunda, como se fixasse os limites entre o espaço sagrado e o profano.

As danças numinosas que utilizo são inspiradas, como coloquei anteriormente, em danças circulares de intro-versão e intro-visão, e também no Tai Chi Chuan.

A mimese foi chamada por Merleau-Ponty de “magia natural”. Os ritos operatórios das danças numinosas permitem realizar essa ação “mágica”, pois são danças que utilizam sistêmica e coletivamente a mimese por intermédio da potência da linguagem corporal. As danças, quando realizadas com a alma, permitem a manifestação da substância divina, do numinoso.

MEDITAÇÃO DO EQUINÓCIO

A primeira dança que descreverei, a “Meditação do Equinócio”, permite uma abertura simbólica para a energia típica das estações intermediárias, o outono e a primavera. Ela se baseia em uma coreografia de Joyce para a música “Sinfonia da Primavera” e apresenta fácil articulação entre os movimentos das pernas e dos braços e a respiração.

Os participantes, que devem estar voltados para o centro da roda, iniciam a dança com uma das mãos sobre o chakra cardíaco e a outra sobre o chakra umbilical. Não importa a ordem, apesar de a mão direita ser considerada mais *yang* que a esquerda.

Cada participante dará dois passos lentos em direção ao interior da roda e, ao mesmo tempo, suas mãos devem fazer dois giros no ar e se abrir como se fossem reverenciar o céu. Em seguida, o participante realiza o movimento oposto, retornando à posição original.

A respiração deverá seguir o movimento. Quando o participante se dirige para o centro do círculo, inspira longa, suave e profundamente. Ao retornar, ao mesmo tempo ele deve expirar. Os movimentos podem ser realizados com ou sem música.

MEDITAÇÃO DA FLOR

Esta dança também é baseada em uma coreografia de Joyce. A respiração aqui é livre, de acordo com a respiração habitual de cada participante.

O movimento começa com ambas as mãos no chakra umbilical. Em seguida, com um movimento de expansão lateral dos bra-

ços, recolhe-se a energia localizada em volta do corpo e a traz para frente do chakra. Em pouco tempo o participante sente que entre as mãos se forma uma bolha de energia. Nesse momento, deve começar a acariciá-la por inteira. Segurando a bolha, o participante levanta-a e passa-a em frente dos principais chakras. Ao chegar na altura do cardíaco, começa a abrir os braços, estendendo-os por cima da cabeça. Nesse movimento, tem-se a impressão de que os fluidos caem sobre o participante na forma de uma suave chuva.

Em seguida, o participante desce os braços até a altura do chakra umbilical e conclui levando o excesso de energia para o plexo solar. O ciclo é recomeça e é repetido pelo tempo que desejar. Eu costumo fazer cada sequência mentalizando uma bola energética de cor diferente.

Cada participante deverá realizar o movimento lentamente, em seu próprio ritmo. Essa coreografia mimetiza o ciclo de vida, com o nascimento, o crescimento, a reprodução e a morte, que originará uma nova espécie, reiniciando o ciclo. A transmutação energética é muito forte.

MEDITAÇÃO DE SÃO FRANCISCO

Esta dança baseia-se em coreografia de Renata Ramos e é composta de quatro etapas. Cada participante inicia o movimento com os braços para baixo. Ao inspirar, os braços devem ser levantados, lentamente, formando uma cruz na altura do chakra cardíaco. Em seguida os braços vão se fechando como se fossem abraçar uma árvore e quando as mãos se juntam devem ser direcionadas para o centro do peito. Todo esse movimento é realizado durante a expiração.

O terceiro movimento consiste em formar uma espécie de concha com as mãos e levá-las para acima da cabeça, ao mesmo tempo em que inspiramos. Por fim, o participante expira descendo os braços como se estivesse vestindo um véu energético sobre todo o corpo.

Gosto de realizar esta “coreografia” com o mantra hindu *Om Nama Shiva* ao fundo.

Concluindo esse capítulo, podemos dizer que a TVI é uma técnica de meditação numinosa e *neg*-ativa (no sentido da não ação, o *wu wen* taoísta) capaz de levar o participante a atingir um estado hipermetabólico oposto ao estado de vigília ou, em outras palavras, um estado ampliado de consciência. Nas primeiras experiências, a pessoa pode vivenciar apenas uma sensação agradável de descontração e tranquilidade. Porém, no decorrer das vivências é possível chegar ao êxtase (a capacidade de colocar o organismo e todo o Ser a serviço de uma comunhão metacognitiva, acessando o *self* e permitindo a contemplação do numinoso em seu esplendor).

Muitas pessoas relatam imagens belíssimas. É preciso salientar que não se trata de meras fantasias da mente consciente. Ao contrário, por ser uma técnica que estimula o participante a se entregar às atividades metacognitivas, é possível acessar imagens que se escondem no âmago do Ser, no *self*. Nesse sentido, não se trata de um estado *alterado* de consciência, mas de um estado *ampliado* de consciência.

Do ponto de vista terapêutico, a TVI auxilia todos aqueles que buscam tratamento para as contradições da existência por intermédio do Espírito. O mundo moderno, caracterizado pela esquizofrenia, pode se beneficiar dessa técnica. Professores e outros profissionais que lidam com o público e sofrem um tipo agudo de estresse classificado pelos profissionais da saúde como *Burnout* também se sentem aliviados após cada sessão.

É importante ressaltar que o principal objetivo da técnica é auxiliar o desabrochar do *homo spiritualis*. Assim, para encerrarmos este capítulo, gostaria de fazer uma reflexão sobre o que vem a ser o imaginário da cooperação, a essência do que chamamos de *homo spiritualis*.

O antropólogo francês Gilbert Durand, atualmente uma das principais referências quando o assunto é o “imaginário”, identificou no *sapiens* três forças dinâmicas que formam as bases arquetípicas de todo o pensamento e de toda a ação que manifestamos no mundo fenomênico. Se isso já não fosse suficiente para

o imaginário ganhar *status* acadêmico, Durand ressalta ainda que é por intermédio do imaginário que o *sapiens* encontra equilíbrio antropológico para *enfrentar* ou *diluir* a angústia em relação ao tempo que passa e em relação à consciência da própria morte. Em suma, nossa forma de pensar, sentir e agir manifesta essencialmente nosso relacionamento com a lâmina da foice de *Cronos*, da qual, mais cedo ou mais tarde, iremos sentir o sabor.

Essas três bases arquetípicas, portanto universais e encontradas em todos os povos ou culturas, receberam as seguintes denominações: estruturas heróica, mística e dramática.

A estrutura heróica do imaginário é aquela que se caracteriza, sobretudo, pelo combate, pela dissociação, pelo enfrentamento. É a estrutura da discriminação, tanto positiva como negativa. Essa estrutura parece ser a predominante no mundo moderno e contemporâneo, sobretudo no Ocidente, influenciando significativamente nossa linguagem, banal ou acadêmica. O conflito ou a separação aparece, freqüentemente, nas palavras-chave da modernidade (por exemplo, na expressão *desenvolvimento*, que, ao pé da letra, significa *sem envolvimento*) e também nas expressões dos militantes políticos (lutar, combater etc.) ou dos esportistas (adversário, meta, defesa, ataque etc.).

Não é sem razão que a hipertrofia da estrutura heróica em nossa *psique* leva a uma militarização do mundo e, como apontam vários psicólogos de linha junguiana, para uma naturalização da esquizofrenia como norma de comportamento, uma vez que a dissociação é sua força motriz. Podemos encontrar também a estrutura heróica do imaginário manifestando-se fortemente por intermédio do chamado *paradigma cartesiano*, cuja característica é a separação dos *objetos* em diferentes reinos ou dicotomias (corpo e mente, natureza e cultura, entre outros).

O ativismo desenfreado e pouco imaginativo do Ocidente ou sua obsessão pela grandeza (um bom exemplo é o World Trade Center, nos Estados Unidos) é interpretado por James Hillman, psicólogo norte-americano junguiano, como uma forma de enfrentamento e não aceitação da morte, das emoções e da natureza.

Por outro lado, a estrutura mística do imaginário é aquela que se caracteriza pela união, pela mistura, pelo envolvimento. Não é à toa também que essa estrutura do imaginário predomina nas culturas orientais, de onde surgem expressões como YOGA (palavra do idioma sânscrito que significa integração), REIKI (expressão japonesa que significa união da energia cósmica com a vital) e outras que procuram considerar não mais a existência de dicotomias, mas sim de polaridades dentro de uma única realidade. Essa estrutura do imaginário também tende a predominar nas culturas não-modernas e esteve fortemente presente nas sociedades matriarcais.

No plano lingüístico encontramos, portanto, outras metáforas se manifestando: é o tecer, o abraçar, o envolver que costumam ser expressos com mais ênfase quando há o predomínio dessa estrutura. Segundo Yves Durand, psicólogo francês que criou um teste projetivo denominado AT-9, depois da meia-idade a estrutura mística do imaginário começa a se manifestar com mais intensidade, tomando o lugar da estrutura heróica marcante na primeira parte de nossas vidas. Jung, por sua vez, já salientava que a segunda etapa do processo de individuação não deixa de ser uma preparação para a morte. Essa mudança de sensibilidade foi denominada de *metanóia*.

Experiências de quase-morte, segundo alguns pesquisadores, também costumam provocar metanóia, e a natureza, a fragilidade humana, etc. passam a ser aceitas e vividas pela pessoa que, com essa mudança de sensibilidade, começa a cultivar uma relação mais compreensiva com o outro e uma relação mais profunda com o sagrado.

No plano científico, essa estrutura do imaginário se manifesta com mais profundidade naqueles que evocam o chamado paradigma holístico.

E a estrutura dramática? Ela, segundo Durand, é a mais difícil de ser observada, pois não seria uma simples síntese das duas anteriores, mas a estrutura que possibilita religar as duas descritas anteriormente. Este religamento, no plano científico, já havia sido

assinalado por Edgar Morin e outros pensadores aos discutirem o chamado paradigma holonômico, no qual a Parte é revalorizada por também conter o Todo.

Uma metáfora que nos permite ilustrar a diferença entre essas três estruturas é a da relação entre as árvores e a floresta. A estrutura heróica, que fundamenta nossa visão militarista, ativa, desenvolvimentista, cartesiana, etc., é aquela que, quando polarizada, nos faz enxergar apenas as árvores isoladamente. Por sua vez, a estrutura mística do imaginário, fundamentando uma mentalidade holística, quando polarizada, nos leva a ver a floresta ou as relações entre as árvores, porém extingue toda a singularidade de cada espécie. É o que Morin chamou de “redução pelo Todo”. Por fim, a estrutura dramática, uma estrutura “andrógina” por excelência ou contraditória (*oximorônica* segundo os pré-socráticos), é aquela que nos permite valorizar simultaneamente as árvores e a floresta.

Dito isso, podemos intuir qual é a estrutura do imaginário que estimula a cooperação e, de forma recursiva, compreender qual a estrutura do imaginário que é valorizada ou expandida quando cooperamos.

Em minha opinião, a cooperação está diretamente relacionada à estrutura dramática do imaginário. É fácil identificar, por meio da apresentação resumida anterior, que a competição é uma manifestação fenomênica essencialmente “heróica”, pois valoriza a luta, a destruição ou a derrota do concorrente, do adversário, etc. Mas qual seria a manifestação da outra polaridade, cultivada a partir da estrutura mística do imaginário? A cooperação? Não acredito, pois, se assim o fosse, seria necessária uma não aceitação da individualidade como acontece nas sociedades tradicionais e estaríamos diante de outra forma de reducionismo, a da redução pelo Todo, como já salientamos. É claro que é possível observar aqui uma espécie de solidariedade, de vivência comunitária, mas que parece funcionar muito mais na base da “cooptação” do indivíduo pelo sistema instituído do que pela cooperação voluntária pelo bem comum.

Assim, a cooperação, como um sentimento interiorizado e não apenas como estratégia econômica, parece ser uma forma de expressão criativa da estrutura dramática do imaginário e, portanto, uma forma de ver, sentir e agir no mundo capaz de cultivar uma formosa e densa floresta onde se é possível também se deslumbrar com a beleza singular de cada árvore envolvida em sua trama. É o que buscamos por intermédio da TVI.

CAPÍTULO 3

AS PRINCIPAIS TÉCNICAS MEDITATIVAS QUE COMPÕEM A TVI

A TVI é um tratamento bioenergético para ser realizado em grupo, integrando uma série de técnicas de relaxamento como o uso de visualizações de cores, imagens criativas etc. Ela, desde 2003, vem sendo realizada, com muita eficiência, em diferentes grupos sociais: portadores de deficiência física, soro-positivos, pessoas que se tratam com quimioterapia, professores, idosos, jovens que estão superando a crise de abstinência causada pelo vício das drogas, policiais e profissionais da saúde estressados, educadores vitimados pela síndrome de *burnout*, entre outros. E o mais importante, tanto o ensinamento da técnica como sua aplicação é sempre realizada de forma voluntária e gratuita.

Neste capítulo vamos apresentar algumas das técnicas ensinadas nos cursos e que podem ser reproduzidas por pessoas capacitadas emocional e espiritualmente. Não vamos nos deter nas danças numinosas que antecedem a prática fluidoterapêutica. Já nos referimos a elas no capítulo anterior.

Mas antes de passarmos para as técnicas, vamos apresentar alguns dos benefícios que ela traz. As informações abaixo se baseiam nos depoimentos dos próprios participantes. Não houve preocupação em fazer um estudo científico e estatístico para se quantificar estes dados. Acreditamos que o aspecto qualitativo e o bem-estar do participante seja mais importante que a busca por dados objetivos. O que não significa que um pesquisador interessado não possa fazer tal pesquisa. Seria até interessante para nós.

BENEFÍCIOS DA MEDITAÇÃO VIBRACIONAL INTEGRATIVA

A partir da experiência realizada ao longo destes anos, alguns benefícios empíricos notados com a prática são os seguintes:

1. Facilita o (re)envolvimento humano, sobretudo consigo mesmo e com os outros. A pessoa passa a dar mais valor as questões espirituais e, através dos relaxamentos, das induções verbais e das imagens hipnagógicas terapêuticas, cria-se uma ambiência bioenergética que permite tratar diferentes enfermidades de origem emocional, mental e até mesmo espiritual.
2. Pode ser facilmente reproduzida por profissionais da área da saúde, da educação e de outros setores, como animadores culturais e líderes comunitários, sem dificuldades. Não há necessidade de seguir uma determinada doutrina ou exclusivismo religioso para se beneficiar com a técnica, apenas um equilíbrio emocional e espiritual para lidar com as energia que serão manipuladas.
3. Sua prática diminui a incidência de estresse, ansiedade, síndrome de *burnout* etc. prevenindo o surgimento de enfermidades físicas, mentais e emocionais, além da possibilidade de despertar a emergência espiritual em várias pessoas. (sobre este tema, leia nosso texto emergência espiritual e metanóia, que pode ser acessado gratuitamente na internet).
4. Amplia o controle da mente, por parte do participante e, conseqüentemente, sua capacidade de resolver problemas com criatividade, otimismo e alegria.
5. Amplia o controle emocional e aumenta o poder da intuição, a criatividade e capacidade para enfrentar as crises e as vicissitudes existenciais.

A PRÁTICA DA TERAPIA VIBRACIONAL INTEGRATIVA

1 – Relaxamento inicial com a mentalização da cor azul

Duração: de 10 a 15 minutos.

Sempre inicio a prática com um relaxamento. Eu prefiro fazer a atividade com a pessoa deitada em um colchonete, mas, se não for possível, o relaxamento pode ser feito com a pessoa sentada. Não aconselho sua prática de pé.

O participante é convidado para fazer uma longa respiração e mentalizar uma luz azul clara e brilhante se formando no topo da

sua cabeça. Gradativamente, ela é convidada para mentalizar a luz se espalhando e envolvendo todo o seu corpo, da cabeça aos pés.

Em seguida, o participante é estimulado a relaxar todo o seu corpo, mentalizando, primeiramente, a luz nos pés. Comandos para que sinta os pés ficando relaxados, sem tensões e sem dores são dados, lentamente e com a voz pausada e calma.

Em seguida, o mesmo comando é dado para as pernas (incluindo os joelhos), órgãos internos (como estômago, fígado, intestino...), coração, pulmões, coluna, musculatura das costas, ombros, pescoço, braços e cabeça. Comandos para relaxar o cérebro e a mente também devem ser dados.

A cor azul é extremamente relaxante e anestésica. O único risco é a pessoa dormir e não acompanhar o resto da atividade. Porém, o inconsciente acompanha e mesmo as pessoas que dormem, relatam uma agradável sensação de paz com a atividade.

O relaxamento inicial não passa de 15 minutos e, dependendo da atividade ou do grupo, pode se resumir a ela. Porém, na Terapia Vibracional Integrativa, ela é propedêutica para as demais técnicas, sobretudo as de número 02, 03 e 04.



2 – Limpeza do ambiente doméstico e de trabalho com a mentalização da cor lilás – Duração: de 5 a 10 minutos.

Não há uma ordem ou seqüência ideal para se fazer a técnica. Tudo depende da necessidade do grupo. No caso da técnica 02, é recomendado utilizá-la apenas com pessoas que possuem um relativo equilíbrio mental e emocional. Essa técnica manipula muita energia e algumas pessoas podem não se sentir bem com as sensações que poderá sentir ou com o que pode ver no astral, conforme o grau de envolvimento com as energias presentes na casa ou no ambiente de trabalho.

Após o relaxamento, a pessoa será induzida a mentalizar uma energia de cor lilás, clara e brilhante, saindo das mãos de Jesus e de Maria (ou de outros seres de Luz que o grupo venera e respeita), e descendo até ela. Em seguida, deve mentalizar a luz saindo de suas mãos. Após essa etapa, a pessoa será induzida a se dirigir mentalmente até a residência ou ao ambiente de trabalho, sempre na companhia de seus amparadores, guias espirituais, anjos da guarda etc.

Ao se ver nestes ambientes, deverá passear por todos os cômodos, irradiando essa luz lilás, limpando toda a energia negativa presente no ambiente. Alguns lugares, como embaixo de escadas, quartos onde dormem pessoas que consomem drogas e até mesmo banheiros costumam ser descritos pelos participantes como locais onde encontram dificuldades para entrar. É preciso insistir.

Uma variação que costuma ser muito interessante é o grupo, quando reúne pessoas conhecidas, ir à casa de apenas um dos participantes. A limpeza é muito mais forte e eficiente. Numa outra ocasião, fazem a limpeza da casa de outra pessoa.

Todo e qualquer ser encontrado no ambiente e que não seja de Luz, sofredor ou obsessor, deve ser encaminhado mentalmente para um hospital ou conduzido pelos amparadores que acompanham o grupo.

3 – Tratamento de mágoas, luto, ressentimentos...

Duração de 5 a 10 minutos.

Como na técnica anterior, após o relaxamento, a pessoa mentalizará uma cor saindo das mãos de Maria e de Jesus (ou outro Ser venerado pelo grupo em questão). Dessa vez, será a cor rosa. A pessoa deverá mentalizar essa energia envolvendo todo o seu corpo, cada célula e sobretudo seu chakra cardíaco. Ela deve deixar essa luz limpar toda energia negativa acumulada devido aos sentimentos de mágoa. Em seguida, fará alguns exercícios. Ela deverá mentalizar entre as mãos pessoas que fizeram ou falaram algo que a ofendeu e, do fundo do coração, perdoará a(s) pessoa(s). Deverá fazer o mesmo com aqueles que ela acredita que ofendeu e, em seguida, deve se perdoar, aceitando-se como é e também as pessoas.

4 – Varredura do passado – Duração de 10 a 20 minutos.

Esta técnica pode ser realizada de várias maneiras. Uma que tem sido bem recebida pelos participantes é induzi-lo a voltar ano a ano em sua existência, mentalmente, e sempre que se lembrar de uma experiência desagradável, mentalizar toda a energia mental e sentimental associada a ela na forma de um objeto que será jogado no lixo. A pessoa pode mentalizar um saco de lixo e ir colocando todos esses “objetos”. No fim do processo, deverá fechar o saco de lixo e o entregar nas mãos de Deus, livrando-se daquele fardo. Em seguida, recebe de Deus uma chuva de gotas douradas para reenergizar todo o seu ser, potencializando as energias físicas, mentais, emocionais e espirituais.

Muitas pessoas sentem muita troca energética e podem ficar assustadas. Enfim, como diz a Bíblia, “Aí de quem cai nas mãos do Deus vivo”. A pessoa acostumada apenas com o cumprimento das obrigações formais de sua igreja, precisa ser preparada para aceitar passar por um momento de liberação e transformação de energias estagnadas, permitindo uma abertura para novas dimensões de experiência e consciência.

Esta vivência eu só a aconselho para grupos que já estão formados a um bom tempo e para pessoas com alguma experiência com trocas energéticas, pois, conforme a história de vida da pessoa, há muita energia estagnada em sua personalidade e, a “explosão nuclear” pode ser liberada de forma intensa, gerando um “distúrbio” emocional capaz de assustar as pessoas desavisadas. Daí a importância do grupo para acolher com simpatia e atenção o participante que passar por uma catarse vigorosa. Porém, na maioria das vezes, os processos psíquicos são suaves e harmoniosos.

Mesmo assim, recomendo essa prática para grupos mais experientes e para focalizadores com um significativo controle e domínio da técnica.

As outras três técnicas que apresentarei são complementares e independentes. Elas podem ser praticadas com as anteriores ou sozinhas.

5 – O poder da prece – Duração de 5 a 10 minutos.

Esta técnica serve para o participante comprovar o valor energético de uma prece. Ele aprenderá, de forma prática, a sentir o poder transformador da prece, observando os fluidos (glóbulos de vitalidade) irradiados pelo sol e o magnetismo criado quando se faz uma prece sincera.

Esta técnica pode ser feita em qualquer lugar, inclusive no escuro, mas, para os iniciantes é mais fácil a visualização quando realizada ao ar livre, em um dia com poucas nuvens no céu. Em primeiro lugar, a pessoa deverá olhar para o céu, nunca diretamente para o sol.

Depois de alguns segundos, ela começará a ver pequenos glóbulos prateados no ar. É importante que ela consiga distinguir esses glóbulos de outros, mais escuros que são próprios da retina. Isso é fácil, pois os de cor acinzentada se locomovem com o movimento do olho. Os prateados se parecem com pequenos átomos vibrando.

Enfim, quando a pessoa conseguir ver os glóbulos de vitalidade, com os olhos ainda abertos deverá fazer uma prece mental-

mente e observar o resultado. Não vou contar o que costuma acontecer para não induzir o leitor.

Como salientei, com o tempo, até no escuro é possível ver os fluidos. A pessoa que conseguir ver no escuro pode fazer outra experiência. Mentalizar estes glóbulos saindo da mão direita e atingindo a esquerda ou outra parte do corpo. Alguns conseguem vê-los saindo pelos dedos do pé, e brincar como se fossem holofotes, bastando virar o pé para ver a luz mudando de lugar. Normalmente, à noite, os glóbulos assumem uma cor verde fosforescente.

Depois que a pessoa ver os glóbulos pela primeira vez, será mais fácil fazer outras observações. Locais de peregrinação e de oração costumam estar saturados positivamente com tais glóbulos.



6 – Criando “florais” com o poder da mente

Duração: de 15 a 20 minutos

Esta técnica é muito simples de ser realizada. Quase todos já tomaram água fluidificada, água benta ou qualquer outro nome que se queria dar. Algumas pessoas acreditam que apenas médiuns, padres, monges ou pastores são capazes de energizar a água. Porém, qualquer pessoa que consiga se concentrar por alguns minutos e faça a experiência com Fé é capaz de energizar a água.

A técnica acima consiste em criar a essência floral que a pessoa sente necessidade de tomar. A técnica pode ser utilizada para criar qualquer tipo de floral, não importando o sistema. A mente é muito mais poderosa que uma flor. Obviamente, que a planta possui sua vitalidade e essa energia pode ser usada para fazer remédios. Porém, a mente é capaz de intensificar ou anular essa energia.

Vou dar um exemplo. Certa vez ministrando um curso de plantas medicinais, comentei que a hortelã era uma planta com princípio ativo estimulante e para evitar o uso à noite porque a pessoa poderia ter insônia. Uma das participantes do curso pediu a palavra e disse que só dormia tomando uma xícara de chá de hortelã e que dormia muito bem.

Na semana seguinte, porém, ela disse que, após eu falar que o chá de hortelã era estimulante, ela não conseguiu dormir mais. Eu tive que explicar que o poder da mente era muito mais forte que o princípio ativo presente no chá de hortelã. Por isso, enquanto ela acreditou que dormiria tomando o chá, ela dormiu. A partir do momento que este esquema mental foi substituído por outro, ela passou a ter insônia. É por isso que há pessoas que dormem quando tomam café e outras que não, apesar do café também ser estimulante.

Enfim, a técnica consiste em encher um copo com água e, durante aproximadamente 10 minutos, envolvê-lo com as mãos e mentalizar a água se transformando no remédio floral que a pessoa precisa. Para tanto, é preciso conhecer as essências do floral de Bach ou de outro sistema. Identificando a essência que necessita, basta

mentalizar a energia da planta sendo colocada na água. O mesmo pode ser feito para se obter um remédio homeopático ou um calmante, por exemplo, irradiando cor azul para a água. Se o trabalho for feito em grupo, o resultado pode ser ainda mais eficiente.



7 - Manipulação bioenergética com as mãos e cores

Duração: de 15 a 20 minutos

Este exercício é a TVI tradicional, ou seja, a que foi intuída em 2001. Ela é realizada através de movimentos corporais e visualizações de cores, o participante fará uma limpeza e uma energização de todo o seu corpo, sentindo o fluxo da energia percorrendo seu organismo. Três cores são básicas: a lilás, no início do processo, a branca para energizar e, por fim, a azul, encerrando o trabalho. Outras podem ser utilizadas antes do encerramento da técnica, como a amarela para amenizar o estresse mental e aumentar a capacidade de concentração, a verde para harmonizar e equilibrar os chakras, a rosa para as emoções e sentimentos e, por fim, a laranja para ajudar na recuperação de quem passa por momentos de convalescença. Não recomendamos o uso da cor vermelha.

Na internet há um vídeo com a técnica sendo ensinada para voluntários de um centro espiritualista em Natal/RN. Você pode procurá-lo pelo nome “prática bio-energética com visualização de cores” ou acessá-lo através do link abaixo:

<http://www.youtube.com/watch?v=3e75gWkOIqM>

8 – Meditação dos 4 elementos – Duração: de 15 a 20 minutos

A última técnica consiste em utilizar a visualização dos quatro elementos - terra (montanha), água (cachoeira ou chuva), ar (vento) e fogo (chama de uma vela), para a realização de um exercício bioenergético que atua, respectivamente, no corpo físico, sobre as emoções, na mente e no espírito.

Através da energia dos quatro elementos acessada através da visualização e das induções animagógicas, o participante costuma sentir resultados benéficos em si e na interação com o grupo.

Esta meditação não deixa de ser um exercício xamânico sem o uso de elementos psicoativos. Apenas o poder da mente é usado para se atingir estados ampliados de consciência e a transmutação energética capaz de realizar inúmeras curas psicossomáticas.

Essa técnica costuma ser utilizada nas vivências e cursos onde abordo o poder curativo das imagens hipnagógicas. O trabalho começa com a pessoa se imaginando em uma paisagem serena subindo uma montanha. Ela procura sentir a relva e o aroma do lugar. E, no topo da montanha, ela deve ser induzida a sentir a energia da Terra entrando pelas plantas dos pés e envolvendo todo o seu ser, renovando suas energias e o fortalecendo fisicamente. Em seguida, mentalizará um banho de cachoeira ou uma chuva suave caindo sobre a sua cabeça. E a água que desce do céu pura e cristalina entra por todos os seus poros e envolve todas as células de seu corpo físico e astral, purificando-as de toda energia emocional negativa. Toda vibração negativa é transmutada por essa água benfazeja.

A terceira etapa consiste em sentir o ar agradável de uma brisa, soprando sobre o corpo. Esse ar desmancha todas as for-

mas-pensamento negativas, miasmas e sujeiras mentais acumuladas no cotidiano.

Por fim, a pessoa mentalizará dentro de si, na altura do coração uma chama simbolizando o seu espírito. Esta chama se expande infinitamente irradiando luz para todos os lados, permitindo uma agradável sensação de paz e felicidade indelével, e um amor indizível por toda a criação divina.

Algumas induções podem ser acessadas na internet. Existem quatro vídeos que se chamam curso de TVI e que podem ser localizados no youtube, no canal www.youtube.com.br/homospiritualis. Outro vídeo que pode ser acessado se chama “exemplo de indução animagógica”, gravado ao vivo durante uma entrevista em uma estação de rádio, e que está localizado no mesmo canal acima. No canal [animagogianordeste](http://www.youtube.com.br/animagogianordeste), também no youtube, o interessado pode ver um vídeo de uma prática de TVI, na cidade de Natal/RN, seguida de um depoimento muito interessante de uma médium vidente que participou da prática.

Todas essas técnicas vão ajudar a pessoa a obter uma renovação energética, mas a cura propriamente dita só advém com a mudança de pensamentos e sentimentos. Só o cultivo do pensamento elevado e a vivência amorosa de sua existência humanizada é capaz de manter um equilíbrio bio-psico-espiritual.

ANEXO

SUGESTÕES DE INDUÇÕES ANIMAGÓGICAS QUE PODEM SER REALIZADAS DURANTE AS PRÁTICAS

Por indução animagógica entendemos as sugestões que são realizadas durante a focalização das vivências meditativas. Ela deve ter sempre um cunho espiritualista, preferencialmente, ecumênico e universal. Durante as práticas, não importa quais serão realizadas, o focalizador utiliza as induções para ajudar no fortalecimento ou mudança de um padrão de atitudes. Alguns temas que podem ser utilizados durante as induções animagógicas realizadas com o grupo são os seguintes:

1. Estimular a persistência, a coragem e a responsabilidade pelo seu próprio bem estar, valorizando sempre o bem-estar físico, emocional, mental e espiritual.
2. Valorizar a felicidade incondicional e a necessidade de uma educação espiritual (animagogia) renovando as esperanças, o fortalecimento da fé, a solidificação do amor, a incessante busca do perdão, o cultivo de sentimentos positivos e o aperfeiçoamento do ser.
3. Reforçar a diferença entre Vida e Existência, levando o participante a tomar consciência que a Vida transcende a matéria e os cinco sentidos. Ajudar a compreender que o único responsável pelas doenças, pelo sofrimento e pelas angústias existenciais é o próprio espírito, que tece o seu destino a partir dos sentimentos e pensamentos que nutre no dia-a-dia.
4. Reforçar que ninguém ofende ninguém. Somos nós permitimos nos sentir ofendidos pelas ações alheias.
5. Estimular o participante a conhecer e aprender a lidar com suas próprias energias e a dos ambientes que frequenta cotidianamente, desbloqueando energias estagnadas e restabelecendo um fluxo energético saudável e harmonioso.

6. Levar o participante a pensar sempre de forma holística, compreendendo a integração entre os aspectos físicos, psicológicos, energéticos, emocionais e espirituais em seu ser, sendo que, essencialmente, ele é um espírito vivenciando uma experiência humanizada e não um ser humano que, eventualmente, vivencia experiências espirituais. Essa compreensão leva o participante a lidar melhor com as vicissitudes da existência humana.

